

FORMAÇÃO TEÓRICA
RAREFEITA,
ISOLAMENTO
E EMBATE CRÍTICO

RODRIGO BRAGA

[Artista plástico]

Credito parte de minha formação artística ao universo sensível que aprendi a perceber quando criança, sobretudo pela influência natural dos meus pais. Não que eles fossem artistas ou estivessem diretamente envolvidos com o ambiente cultural – muito pelo contrário, são cientistas, biólogos. Contudo, hoje sei que ter construído minhas narrativas infantis tão próximas às miudezas do mundo natural perceptível, de certa maneira, me nutriu um pouco de arte. Cada pequeno acontecimento acompanhado nas misteriosas salas do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Pernambuco e também nos trabalhos de campo – do litoral ao sertão –, levou a sutis e explosivas descobertas que tinham cheiros, sons, volumes, texturas, cores que só aguçavam minha atenção, minhas vontades, minha imaginação. Além dos laboratórios e caminhadas, também os meus brinquedos desmontados, minhas plantas, aquários, preás, tartarugas, gatos, caranguejos e monstros, todos nutriam meu imaginário e me formavam artista em silêncio. Vieram, então, desenhos encorajados por livros de biologia, botânica, arqueologia, enciclopédias universais, os quais não tinha muito interesse em ler, mas foram grande fonte imagética que abriam caminhos para além do universo do meu quarto.

Num segundo momento, quando ingressei no curso de licenciatura em artes plásticas pela UFPE, passei a atribuir minha formação também às relações com alguns professores e colegas de turma, muito mais do que aos livros. Tentava, então, expandir

a simples sensibilidade e expressão individual aos paralelos com a história da arte e à pesquisa artística de maneira mais consciente e menos ingênua.

Mas, como abrir-se a um conhecimento relevante em artes freqüentando uma parca graduação de grade curricular datada da década de 1970 que passava – e passa – por uma grave crise de identidade entre formar professores ou artistas? E, de uma maneira mais ampla, como pode um artista iniciante – ainda admirado e confuso com o cosmopolita universo da imagem – furar a grande e presunçosa bolha que, a pretexto de valorização de uma cultura local, apenas ratifica e sedimenta a “tradição artística pernambucana”? Ou ainda, como se submeter a uma saudável tensão crítica e a uma produtiva “competitividade artística” num ambiente ainda tão carente daquilo que lhe é distinto?

Não é difícil estabelecer uma comparação entre o certo isolamento daquele universo mágico infantil e o distanciamento do aluno de artes plásticas em relação ao que se produzia e se discutia sobre arte nos grandes centros na virada do século. Embora hoje possamos dizer que o ambiente artístico local já se abriu significativamente aos diálogos com outras partes, salvo raras exceções, o artista pernambucano ainda não tem a construtiva oportunidade – nem na academia, nem em ambiente público – de submeter sua produção a um embate teórico e crítico sobre aspectos que constituem sua obra. Não se pode discordar que a produção das artes plásticas de Recife e de Olinda seja fértil e tenha lances de contribuições e renovação à própria arte brasileira, contudo, não se pode dizer que por essas terras, nas últimas décadas, viveram relevantes pesquisadores, teóricos ou críticos das artes. Na maioria das vezes, só é possível – e também muito válido – na formação de um artista o diálogo com seus pares do meio artístico ou mesmo a difícil e pouco freqüente autocrítica. Meu processo, inicialmente, não foi diferente.

Ainda com uma produção tímida para alcançar público em outros Estados, minha estratégia foi colher impressões de amigos artistas, como também escrever sobre meu próprio trabalho como maneira de conhecê-lo melhor e amadurecê-lo. Assim, dentre outras reflexões postas em papel, uma se mostrou especial. Logo depois de realizar a série *Fantasia de compensação* como processo e resultado de uma bolsa de pesquisa artística, escrevi o texto analítico em tom narrativo “Dos bastidores de um auto-retrato”. Mais do que autocrítico, o texto evidencia um esforço de conhecer melhor o processo criativo e expandir a própria criação. Uma busca por entender a criação artística como ramificação intuitiva de um pensamento, como resgate de memórias sensíveis para a projeção simbólica, imagética.

Um texto escrito por um artista sobre sua própria obra certamente não conterà abordagens por ele não dimensionadas (aquelas que tipicamente os críticos e curadores costumam extrair a fim de desdobrar as obras quando postas a público), contudo, traz informações da dimensão da intuição e da criação ainda veladas para o observador (ou mesmo para um crítico de arte). Um texto com o caráter de revelar informações do âmbito da experiência pessoal do artista pode, se pertinente, acabar sendo parte da obra. Texto-obra entendido como discurso do artista ao se perceber e se permitir ser invadido em seu processo criativo.

Atualmente a maneira com que lido com críticas ao meu trabalho está inteiramente ligada à minha formação e à própria motivação em ser artista. Como consequência de uma carência de conteúdos mais acadêmicos em minha formação, aliado a certo princípio psicológico (catártica mesmo) que me levou a ser artista, tenho me percebido criando com certa ênfase em elaborações subjetivas e auto-referentes. Dessa maneira, e por isso mesmo, creio que não tenciono nem distorço minha poética em função do que críticos ou público comum possam publicar ou verbalizar sobre o que faço,

seja pela supervalorização que eu possa fazer de aspectos apontados como “genialidade” do trabalho, seja pelo encucamento de opiniões depreciativas que me chegam com certa frequência. Ainda que possa soar falso ou purista nos dias de hoje, ao gerar um novo trabalho costumo respeitar minhas motivações fundamentais, que são muito mais de ordem emocional do que fundamentadas em resposta a códigos do *métier* artístico. Evidentemente, se estou imerso naquilo que vem sendo discutido em termos de arte na contemporaneidade, torna-se difícil saber até que ponto opiniões de bases sólidas, ou até mesmo aquelas ditas verborragicamente, não têm o poder de influenciar uma produção seqüente. Porém, tenho meu trabalho como ressonância do que está dentro de mim, ainda que estabeleça elo com o que está fora.

Se relevasse com frequência a crítica ou até pautasse minha prática artística pelo que dizem ou escrevem sobre minha produção, provavelmente meu potencial criativo entraria em colapso, tamanhas são as contradições. Meus trabalhos suscitam algumas opiniões analíticas algumas vezes aprofundadas, mas, em sua maioria, inspiram textos de argumentos opostos e extremados que põem em questão tanto a ética da arte quanto da própria crítica. Abaixo transcrevo alguns exemplos.

Relato de uma mediadora durante exposição no Itaú Cultura (2006):

[...] Com relação ao público, as fotos causam uma reação de repugnância e atração ao mesmo tempo, a dúvida da veracidade, etc. Mas ao mesmo tempo muitas pessoas acham o trabalho belíssimo, uma mulher dizia, “Tão lindas, tão repugnantes ...”, um senhor bem simples, vendedor de panos de prato, deu uma volta e disse, “cultura, minha filha, esta é uma relação com a cultura”, hoje duas crianças ficaram imitando a sua pose com o bode, ficaram

colocando cabeça com cabeça, foi bonito, no final falaram, “parece que o melhor amigo do homem é o bode e não um cachorro”. Outra turma de crianças ficou dando nome aos seres (Da alegoria perecível), “coeixe, peicoelho, ropeixe”, todas pensando que seres híbridos eram aqueles, etc.

Comentário enviado por e-mail (2007):

Sou artista plástica e fiquei indignada com o seu trabalho, pois artistas têm sensibilidade com tudo que o cerca. É tirando a vida de seres inocentes que você prova mesmo que não tem um trabalho como artista, para mim você é um idiota que pensa que é um artista, pois artista procura fazer moldes com materiais, pois tem capacidade para trabalhar com diversos materiais e confeccionar sem usar seres vivos, e você se tiver conhecimento sobre história da arte verá que artistas defendiam os animais e a natureza como exemplo de Leonardo da Vinci e outros. Procure realmente ser um artista e não um idiota e mostre que você tem habilidade para isso, explorando matérias e não seres vivos.

Excerto do texto “SParte e desamparo cultural”, de Juliana Monachesi, publicado no Canal Contemporâneo (2008):

O trabalho de 2004, resultado de bolsa de pesquisa e criação com que o artista foi premiado no 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco é uma das pesquisas mais coerentes e críticas no campo da manipulação digital e das transformações biogenéticas, temas que cada vez mais são de extrema urgência na reflexão de todo profissional que lida em seu cotidiano com, no primeiro caso, o estatuto da imagem e, no segundo, com os desafios éticos apresentados pela revolução tecnocientífica.

Citação de Teixeira Coelho na revista *Bravo!*, por ocasião da exposição “O corpo na arte contemporânea brasileira” (2005):

Ao lado de coisas boas, há também coisas irrelevantes: uma “obra” com fotos de um cão esquartejado [...] Não causam mal-estar estético, moral ou político algum: são só ruínas.

Nos vários casos, sejam em palavras de especialistas ou não, é possível perceber que um trabalho artístico pode ser desvelado em inúmeras camadas, possibilitando ao espectador experiências de intensidades variáveis: ora superficiais, ora aprofundadas. Por vivência própria estou certo de que o debruçamento analítico sobre determinada obra e sua abordagem em reatamento com o emocional, o cultural, o social enfim, depende mais de uma disposição despreconceituosa do que de largas referências teóricas. No caso do público em geral, em uma visita a uma exposição ou ainda conhecendo um trabalho através de uma publicação impressa, por exemplo, este pode externar sua reação sobre o que vê de maneira tão múltipla quanto diversas forem suas experiências e compreensões de mundo, como num processo de espelhamento espectador-obra. Daí, talvez, eu venha me deparando com comentários tão díspares. Pessoas que não têm (e não necessariamente precisam ter) o menor conhecimento sobre minha trajetória como artista ou não tenham informações sobre qualquer fato da minha vida, se para tal se dispuserem, podem tecer relações relativamente sofisticadas entre as imagens e seus universos, suas emoções e reflexões.

Já em relação aos críticos de arte propriamente ditos, penso que uma crítica “responsável” sobre determinada obra deve ser proferida levando-se em conta informações para além da obra em si, para que de suas leituras, somadas às concepções do artista, possam

ser extraídos elementos que contribuirão para a fruição e para a reflexão do receptor mais interessado. Talvez minha opinião se deva ao fato de que me refiro inicialmente a poéticas similares às minhas, de cunho mais autobiográfico, embora saiba que textos ricos em argumentos sejam possíveis mesmo quando se debruçam exclusivamente sobre a obra como objeto de análise.

Seja de que maneira for, creio numa crítica que busca trazer à luz aspectos submersos de uma obra, que desconstrói e reconstrói a obra de arte, que traça paralelos significativos dentro e fora do campo da arte, que traz novos elementos até então não percebidos pelo próprio criador, enfim, a crítica que se mostra capaz de interagir simbolicamente de maneira pertinente com o artista e sua obra, não enfatizando apenas a tradicional dicotomia entre o elogio e a depreciação.